



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Doutora Alessandra Penna e Costa, médica neuropediatra do Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, da Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro.

As neurodivergências fazem parte da realidade de muitas famílias e têm sido cada vez mais comuns e reconhecidas na sociedade. Entre as condições mais frequentes na infância estão o transtorno do espectro autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Segundo o IBGE, mais de [1,1 milhão de crianças de 0 a 14 anos no Brasil têm diagnóstico de autismo](#), com maior prevalência nas idades mais jovens. Já dados do Ministério da Saúde indicam que o [TDAH atinge cerca de 7,6% das crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos](#).

Na entrevista a seguir, a médica neuropediatra Dra. Alessandra Penna e Costa explica o que são as neurodivergências, quais sinais os pais devem observar, como é feito o diagnóstico e quais caminhos podem contribuir para o cuidado e a inclusão dessas crianças. Acompanhe e aprofunde seu conhecimento sobre o tema, fortalecendo um olhar de acolhimento e respeito.

Abril Azul

O mês de abril é marcado pela conscientização sobre o transtorno do espectro autista (TEA), com o objetivo de ampliar a informação, combater o preconceito e promover a inclusão. A data reforça a importância do diagnóstico precoce, do acesso a cuidados adequados e do acolhimento às crianças e suas famílias.

ENTREVISTA COM: Doutora Alessandra Penna e Costa, médica neuropediatra do Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, da Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro.

**Doutora Alessandra, o que significa ser uma pessoa neurodivergente?
DRA. ALESSANDRA:**

Uma pessoa neurodivergente é aquela que tem um funcionamento cerebral diferente do padrão que a sociedade considera típico ou normal. Não se trata de uma doença, mas de uma variação dentro da normalidade, apenas diferente da média considerada mais comum.

As condições mais frequentemente consideradas neurodivergentes, ou neuroatípicas, são o transtorno do espectro autista, situações relacionadas à linguagem, como a dislexia, e também o TDAH, que é o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Esses são os mais comuns.

**Dra. Alessandra, quais sinais os pais devem observar no desenvolvimento infantil que podem indicar possíveis neurodivergências?
DRA. ALESSANDRA:**

De modo geral, independentemente da neurodivergência, os pais precisam estar sempre atentos ao neurodesenvolvimento da criança, ou seja, a como ela se desenvolve neurologicamente desde o nascimento até a vida adulta.

Uma forma importante de acompanhar isso é por meio da caderneta da criança, entregue pelo Ministério da Saúde, que além das vacinas traz marcos de desenvolvimento que os pais podem observar conforme a criança cresce.

É importante, por exemplo, observar quando a criança começa a sentar, a olhar para as pessoas, a apresentar sorriso social e depois sorriso intencional. Também é fundamental ficar atento à linguagem: perceber se há algum atraso, especialmente na fala, que é um sinal muito importante.

Além da caderneta, os pais podem acompanhar esse desenvolvimento nas consultas de puericultura, na unidade de saúde, com o profissional responsável.



Como é feito o diagnóstico de neurodivergência e qual é a importância de ser realizado de maneira precoce?

DRA. ALESSANDRA:

O diagnóstico de neurodivergência é exclusivamente clínico. Ele é realizado por médicos, geralmente neuropediatras ou psiquiatras, e pode incluir também avaliação psicológica.

Existem testes de triagem que podem auxiliar, como o M-CHAT, voltado para o autismo. Em casos de atraso de linguagem, por exemplo, a criança pode ser encaminhada para avaliação com fonoaudiólogo, para identificar melhor a dificuldade.

Não existe exame laboratorial, de imagem ou de sangue que confirme esse diagnóstico. Não é um diagnóstico feito por ressonância, eletroencefalograma ou qualquer outro exame. Ele é essencialmente clínico.

Por isso, quanto mais cedo for identificado, melhor, pois possibilita intervenções mais precoces e eficazes.

Quais são os principais desafios e potencialidades de crianças neurodivergentes?

DRA. ALESSANDRA:

Um dos principais desafios é a falta de suporte adequado para que a criança se desenvolva com mais tranquilidade. Muitas vezes, por serem vistas como “diferentes”, essas crianças enfrentam barreiras importantes.

Elas têm maior risco de sofrer bullying, preconceito e dificuldades de relacionamento com crianças neurotípicas. A comunicação também pode ser um desafio significativo.

No caso de crianças com TDAH, por exemplo, há a necessidade de regulação da atenção. Como podem apresentar comportamentos mais desatentos ou impulsivos, isso pode dificultar tanto o desempenho na escola quanto a convivência em casa e em outros ambientes. Muitas vezes, elas mesmas não compreendem por que acabam se prejudicando em situações sociais.

Dra. Alessandra, o que significa, na prática, uma escola verdadeiramente inclusiva?

DRA. ALESSANDRA:

Uma escola verdadeiramente inclusiva precisa estar preparada para atender todos os tipos de criança. Não basta apenas garantir a matrícula.

É necessário oferecer suporte para que a criança se desenvolva, com

atendimento educacional especializado e adaptações no currículo, de forma que ela consiga aprender dentro das suas possibilidades.

Além disso, é fundamental que os professores sejam capacitados para lidar com a diversidade, pois todos terão contato com crianças neurodivergentes em sala de aula.

Como a família pode acolher, apoiar e estimular o desenvolvimento de uma criança neurodivergente?

DRA. ALESSANDRA:

O conhecimento é fundamental. As famílias precisam entender a condição da criança e, a partir disso, desenvolver formas de acolhimento dentro de casa.

O apoio está muito ligado ao respeito às necessidades da criança e à adaptação do ambiente. Também é essencial ter uma comunicação empática, ou seja, estar aberto a ouvir, compreender e respeitar o que a criança está vivenciando.

Outro ponto importante é estimular a autonomia. Mas, acima de tudo, a informação é essencial para que a família consiga oferecer o melhor suporte.

Quais são os principais direitos das pessoas neurodivergentes garantidos por lei? E o que a família, poder público e sociedade como um todo podem fazer para construir espaços mais inclusivos, empáticos e acessíveis?

DRA. ALESSANDRA:

No caso do transtorno do espectro autista, ele é contemplado pela Lei Brasileira de Inclusão, de 2015, que o reconhece como deficiência. Conhecer essa legislação é fundamental para que as famílias e as próprias pessoas neurodivergentes possam buscar seus direitos.

Também temos outras leis importantes, como a Lei Berenice Piana, de 2012, o Estatuto da Pessoa com Deficiência e a Lei Romeo Mion, específica sobre o autismo. Mais recentemente, em 2025, foi instituída a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva.

O papel da família, do poder público e da sociedade é garantir que essas leis sejam cumpridas. Precisamos ser vigilantes e cobrar sua aplicação, para assegurar os direitos das pessoas neurodivergentes.



(MENSAGEM) Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.

MARIA INÊS:

As neurodivergências, de qualquer tipo, nos lembram que a diversidade faz parte da condição humana. As crianças não podem sofrer preconceitos ou críticas por isso, porque essas diferenças não diminuem o valor de ninguém.

Reconhecer a neurodivergência é compreender que não existe um único jeito “certo” de pensar, agir ou aprender, mas múltiplas formas de ser, todas dignas de respeito, cuidado e oportunidades.

Quando famílias, escolas e comunidades acolhem essas crianças com sensibilidade, ajudam a construir uma sociedade onde cada pessoa pode desenvolver seus talentos e viver com mais autoestima e esperança.

Acolhida, respeito, inclusão e oportunidades melhoram muito a vida dessas crianças. E é isso que elas esperam de nós.

(TESTEMUNHO) Marli da Penha Atilio, multiplicadora do e-Guia da gestação aos 6 anos e Acompanhamento Nutricional, e coordenadora da Pastoral da Criança da Paróquia São Benedito, em Passos-MG.

Marli, como os líderes da Pastoral da Criança apoiam as famílias que têm uma criança com alguma neurodivergência ou diferença no funcionamento de seu cérebro?

MARLI:

É importante que a família de uma criança neurodivergente procure sempre a orientação de um profissional de saúde e descubra a melhor forma de se comunicar com essa criança.

A convivência exige dos pais e cuidadores empatia, paciência e muito amor, valorizando e estimulando suas potencialidades e promovendo um ambiente acolhedor, positivo e inclusivo. Isso contribui muito para a autoestima e para o desenvolvimento da criança.

(MENSAGEM) presidente da Pastoral da Criança, Dom Frei Severino Clasen.

DOM FREI SEVERINO:

Falar sobre neurodivergência é uma oportunidade de promover acolhida, dignidade e inclusão. Cada pessoa é expressão única do amor de Deus.

Cada comunidade é chamada a ser espaço de acolhimento, onde todos tenham voz, lugar e dignidade, podendo participar conforme suas possibilidades, sem julgamento ou imposição.

Rezemos por todas as crianças e pessoas neurodivergentes e por suas famílias. Que Deus abençoe a todos.



Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
Programa de Rádio 1802 - 06/04/2026 - Autismo e TDAH: sinais e cuidados